POWERED BY: Santander Universidades

JE UNIVERSIDADES

NÚMERO 8
JULHO

Caderno publicado como suplemento do Jornal Económico nº. 2100, de 2 de julho de 2021. Não pode ser vendido separadamente.

Diretor Filipe Alves
Diretor Adjunto Shrikesh Laxmidas
Subdiretores Leonardo Ralha e Lígia Simões
Diretor de Arte Mário Malhão

www.jornaleconomico.pt | Boletim de informação académica

NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

U.Porto dá lição na inclusão de pessoas com deficiência

Frequentam a Universidade do Porto 224 alunos ao abrigo do Estatuto do Estudante com Necessidades Educativas Especiais. O NAI – Núcleo de Apoio à Inclusão, apoiado pelo Santander há anos, ajuda a integrá-los nos cursos e na vida académica. O apoio aos alunos com surdez passa pelo ensino de língua gestual e aulas com intérpretes.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Uma pessoa surda poderá chegar tão longe como qualquer outra desde que consiga vencer a barreira da comunicação. O jovem César Casanova conseguiu-o de forma extraordinária: estudou Matemática e Língua Gestual Portuguesa (LGP), ferramentas que juntas lhe permitirão, com boa dose de probabilidade, cumprir um dia o sonho de ensinar alunos surdos e cegos.

Na Universidade do Porto há 23 estudantes com dificuldades de audição, dos quais 11 surdos profundos, falantes de Língua Gestual Portuguesa. Frequentam as aulas e são avaliados. "Para garantir a acessibilidade aos nossos estudantes surdos, a Universidade investe uma média de 13 mil euros/mês regular de aulas, assegurando intérprete LGP nas aulas, momentos de avaliação e tutorias", revela José Castro Lopes, Pró-Reitor da U.Porto, ao JE Universidades, adiantando que "ao abrigo do acordo com o Santander Universidades, há atividades que são apoiadas por esta entidade".

Os alunos com surdez estão enquadrados no Estatuto do Estudante com Necessidades Educativas Especiais da Universidade e contam com o Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI), cuja existência ficam a conhecer ao primeiro contacto com o boletim de matrícula da Universidade. Eles e muitos outros – há 224 alunos na U.Porto com o referido Estatuto.

Além dos alunos com baixa audição e dos surdos profundos, estudam na Universidade da Invicta pessoas cegas, com baixa visão e pessoas com mobilidade condicionada e muito condicionada, como paralisia cerebral ou doenças neuromusculares. O apoio à inclusão é uma batalha sem tréguas. "As políticas e práticas de inclusão e valorização da diversidade há muito que são adotadas", diz-nos o Pró-Reitor, que salienta a disponibilização dos "meios humanos e tecnológicos necessários para que todos os membros da comunidade académica possam estar devidamente integrados nos processos de ensino e aprendizagem, de investigação e do exercício da atividade profissional".

JOSÉ CASTRO LOPES
Pró-Reitor da Universidade do Porto

No terreno, o Núcleo de Apoio à Inclusão, liderado por Alice Mouta Ribeiro, é responsável por identificar as necessidades, apresentar medidas de suporte adequadas a cada caso e fazer o respetivo acompanhamento."Este é um trabalho continuado e de toda a comunidade académica, no sentido de contribuirmos para a equidade na formação académica e no percurso profissional na Universidade do Porto", afirma José Castro Lopes.

O Núcleo trabalha quer junto do estudante com Estatuto com Necessidades Educativas Especiais, definindo, com o Diretor de Curso, as medidas de suporte necessárias ao caso em concreto, quer junto da comunidade, sensibilizando-a para as necessidades específicas e a forma como vivem e trabalham estas pessoas. Organiza, por exemplo, um curso completo de Língua Gestual Portuguesa, gratuito para todos os interessados, desenvolve ações de sensibilização e divulgação da LGP e dá formação aos colaboradores em conjunto com o Núcleo da Língua Gestual Portuguesa.

Bruno Giesteira, professor e investigador da U.Porto, diz num vídeo inspirador como a diferença no contexto da Universidade é algo potencialmente enriquecedor. "Não é tão relevante a forma ou a incapacidade da pessoa, mas a capacidade da pessoa de ver o mundo de forma diferente da minha", explica, concluindo: "aprendo muito, porque vejo o mundo de forma diferente". ■

ÍNDICE

2 Opinião
Emídio Gomes, Reitor da UTAD, defende que o único caminho possível para o futuro do país é usar o conhecimento como motor do crescimento e criação de emprego qualificado.

3 Poliempreende
Após um ano de interregno devido à pandemia, está no terreno a 17.ª edição do concurso que ensina a criar empresas inovadoras. Tem chancela nacional do Santander Portugal.

4 Entrevista
Inês Oom de Sousa, administradora executiva do Santander Portugal, explica porque é necessário alargar o âmbito de atuação e contribuir para a economia do conhecimento: "queremos potenciar uma sociedade mais inclusiva e mais sustentável"

6 Investigação
A Universidade de Coimbra lançou a 2.ª edição do concurso Projetos Semente de Investigação Científica Interdisciplinar. Prémios somam 100 mil euros.

7 Bolsas
Santander Universidades oferece 500 bolsas para cursos de inglês no British Council. Estão abertas a graduados, professores e profissionais.

8 Empreendedorismo
European Innovation Academy, o maior programa de verão dedicado ao empreendedorismo e focado nas inovações digitais está de volta, mas online. Em 2022 será no Porto.

OPINIÃO

EMÍDIO GOMES
Reitor da UTAD

Os novos eixos do conhecimento

Nascida no início da década de setenta como IPVR, Instituto Politécnico de Vila Real, no âmbito da reforma do ensino superior lançada pelo Ministro da Educação José Veiga Simão, com uma breve passagem pela designação de Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro, a UTAD é hoje um dos mais importantes ativos públicos situados fora do eixo litoral que vai de Braga a Setúbal, num país que, de forma evidente, concentra e drena parte substancial dos seus recursos para a faixa territorial mais litoral, com tendência para descair para sul e um dobrar final no estuário do Tejo. Fruto do trabalho de quase cinquenta anos, a UTAD tem resistido e funcionado como polo de geração e difusão de conhecimento, da formação graduada à investigação e inovação dos seus centros e polos de investigação.

A recente avaliação dos centros de investigação em Portugal, com as candidaturas ao estatuto de Laboratório Associado, através da Fundação para a Ciência e Tecnologia, visa a atribuição deste estatuto está condicionada ao mérito das atividades desenvolvidas, aos objetivos a prosseguir pela instituição e à sua capacidade na prossecução de objetivos específicos de política científica e tecnológica. A sua consagração, por períodos que se estendem até 10 anos, reforçam um incontornável interesse público no desenvolvimento de atividades, que vão desde a investigação e desenvolvimento tecnológico até à prestação de serviços especializados, apoio à indústria, certificação, normalização, peritagens e regulamentação.

Pela primeira vez, desde que criados em 1999, temos centros de investigação localizados no interior da Região do Norte a integrar três Laboratórios Associados. Dois envolvendo a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, o Inov4Agro, consórcio constituído pelo CITAB da UTAD e GreenUPorto, que tem como objetivo apoiar a transição do setor agrícola para a sustentabilidade, utilizando uma abordagem multidisciplinar para promover a agricultura inteligente; o Laboratório Associado em Ciência Animal e Veterinária, AL4AnimalS, que integra o CECAV da UTAD, o CECA da Universidade do Porto e o CIISA da Universidade de Lisboa, que entre as suas principais linhas temáticas destaca a área emergente das doenças infeciosas e zoonoses. Finalmente, também o IPB, Instituto Politécnico de Bragança, viu esse estatuto reconhecido através do SusTEC, Laboratório Associado para a Sustentabilidade e Tecnologia em Regiões do Interior, envolvendo o CIMO e o (CeDRI).

Estes factos demonstram que, com os meios humanos e financeiros adequados, o interior do país aceita percorrer a via da ciência e da inovação como o fator chave de mudança da competitividade do território. Este louvável esforço político terá que ser naturalmente acompanhado durante os próximos anos, permitindo o crescimento e consolidação do único caminho possível para o futuro e a competitividade do país como um todo: a utilização do conhecimento como motor do crescimento e criação de emprego, necessariamente mais qualificado.

POLIEMPREENDE

O concurso que ensina a criar empresas inovadoras

Após um ano de interregno devido à pandemia, já está no terreno a 17.ª edição do Poliempreende. O concurso destina-se a estudantes, diplomados, docentes e não-docentes do ensino superior politécnico e tem chancela nacional do Santander Portugal.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Bruno Matias provou o sabor da vitória não uma, mas duas vezes. Em 2009 e 2016 venceu a fase regional do Poliempreende na instituição onde estudava e, hoje, ensina: o Politécnico de Castelo Branco. O projeto vencedor SiGAme – Sistema de Gestão de Administração de Medicação deu origem à startup Xhou, focada no desenvolvimento de software por medida - como a aplicação Trackfish ou a Smarthive - como complemento de gestão clínica para lares de terceira idade.

A criação de novas empresas de cariz inovador com implantação local e potencial de crescimento é a meta do Poliempreende, concurso promovido anualmente pela rede de instituições de ensino superior politécnico. A competição teve um interregno em 2020, devido à pandemia da Covid-19, mas a 17.ª edição já está no terreno e tem como parceiro institucional o Santander Portugal, na qualidade de mecenas principal. Os destinatários são naturalmente os mesmos: estudantes, diplomados, docentes e não-docentes daquele subsistema de ensino. Também, como sempre acontece, a competição faz-se em duas fases: uma regional e outra nacional, que é disputada pelos vencedores da primeira.

Na edição deste ano há, pelo menos, uma curiosidade. Para o Politécnico de Castelo Branco, esta é, na realidade, a 2ª edição da 17ª. É que em 2020 organizou a competição, mas como nem todas as instituições o fizeram devido à pandemia, em 2021 decidiu repetir. Resultado? Levará dois vencedores à final nacional.

O Poliempreende nasceu em 2003 justamente aí, no Politécnico de Castelo Branco. Em 2006 foi alargado a todos os institutos e a algumas escolas superiores não integradas que aceitaram o desafio lançado pela instituição.

"O Concurso Poliempreende é para nós mais do que um concurso de ideias de negócio, pois promove não só o espírito empreendedor e a criação de novos negócios, como também dinamiza economicamente a região onde se insere. Este mecanismo empreendedor é apenas um dos exemplos da ligação do IPCB às empresas, à comunidade e à região", afirma António Fernandes, presidente do Politécnico de Castelo Branco, ao Jornal Económico.

O professor explica que "as estratégias de promoção do empreendedorismo são uma componente importante do ensino superior", salientando o "triângulo único e inovador dinamizado pelo concurso: "a capacidade formadora de nível superior, o conhecimento científico e tecnológico e a ligação ao tecido empresarial".

Nascido em 2003 no Politécnio de Castelo Branco, o Poliempreende é hoje a maior rede nacional de empreendedorismo existente na academia em Portugal. Já deu origem a dezenas de empresas

Nestes 18 anos foram submetidos por alunos do IPCB centenas de projetos e ideias de negócio, de diferentes âmbitos e enquadramentos, com a participação de docentes dedicados em acompanhar todo o processo, desde a conceção da ideia até à idealização do negócio. SiGAme de Bruno Matias é um exemplo. Como exemplos são, entre outros que poderiamos dar, os projetos iNavAR e BrainAnswer, de forte componente social. Só no IPCB, a dinamização do Concurso deu já origem a quatro empresas Spin-off constituídas por membros da comunidade académica, que utilizam na sua atividade económica conhecimento produzido pelo politécnico, designadamente produtos ou processos inovadores.

O Poliempreende conta com o apoio do projeto de incentivo à inovação Link Me Up, o qual agrega instituições do ensino superior politécnico e do ensino profissional. Este projeto decorrerá ao longo de três anos e tem apoio do Compete/Portugal 2020.

IPSetúbal também se destaca

O Politécnico de Setúbal é outra instituição com um histórico considerável de prémios no contexto do Poliempreende: dois primeiros lugares, nomeadamente em 2017 (projeto Ilegal) e 2010 (projeto Smartpaint), e dois terceiros lugares, em 2018 (projeto BeGold), e em 2013 (projeto Play4Edu).

"A competição tem contribuído para que cada vez mais elementos da

comunidade IPS tirem da gaveta as suas ideias de negócio, impulsionando o desenvolvimento de uma cultura de inovação e de empreendedorismo no Instituto", afirma Susana Piçarra, Vice-Presidente do IPS, ao Jornal Económico.

A professora explica-nos que "o Poliempreende funciona, ainda, como uma porta de entrada para a IPStartUp (Incubadora do IPS), de onde já saíram várias start-ups". Pelo historial de prémios conquistados ao longo dos anos, o Poliempreende também "acaba por servir de montra ao que de bom se faz na área do empreendedorismo no IPS", acrescenta Susana Piçarra.

No caso da criação de empresas, destacam-se alguns projetos, nem sempre visíveis nos resultados alcançados na fase nacional do concurso. A Puro Verde, por exemplo, brilhou apenas na fase regional. Foi o suficiente para impulsionar Bárbara Nobre. "Queremos fazer parte desta comunidade ligada ao desperdício e ao lixo zero, defendemos um consumo consciente", explica a fundadora da loja online de produtos ecológicos que vende soluções para um estilo de vida mais sustentável a pensar no planeta e nas gerações futuras. O projecto deu os primeiros passos na IPStartUp. Nesta mesma incubadora também nasceu Miraway, consultora migratória desenvolvida por Palmira António, formada em Gestão de Recursos Humanos pelo ESCE/IPS.

SUSANA PIÇARRA
Vice-Presidente do IPSetúbal

ANTÓNIO FERNANDES
Presidente do IPCastelo Branco

De Setúbal viajamos para Santarém. Cabe ao Instituto Politécnico local a organização da fase nacional da 17ª edição do Poliempreende, inicialmente pensada para a Madeira. Realizar-se-á entre 13 e 16 de setembro e envolve os galardoados de cada politécnico e das escolas superiores não integradas da PoliEntrepreneurship Innovation Network. No final, os melhores projectos garantem prémios de 10 mil, cinco mil e três mil euros e um lugar na história do empreendedorismo. ■

OPINIÃO

MARTA ARRIGA
Psicóloga e Consultora de Carreira da Nova SBE

Os hobbies como espelho de competências

Imagine que está numa entrevista de trabalho e lhe pedem: "Ensine-me alguma coisa que eu poderei não saber fazer". O que faria?
Esta pergunta procura avaliar algumas competências transversais, as chamadas soft skills, tais como criatividade, capacidade de adaptabilidade, e inteligência emocional. Como poderia responder? Talvez uma resposta mais técnica não fosse a melhor forma de dar a volta à situação.
No mercado de trabalho, as soft skills estão em voga. Em gerações anteriores, os processos de recrutamento focavam-se muito em hard skills, isto é, na especialização de um candidato numa determinada área. Mas atualmente vemos uma tendência na valorização de candidatos dinâmicos, versáteis, com capacidade de aprendizagem rápida e adaptação.
Uma das formas que os recrutadores utilizam para avaliar estas competências transversais é através das atividades extracurriculares e dos hobbies que cada candidato apresenta no seu curriculum vitae (CV), que tornam aquele candidato potencialmente mais interessante do que outros.
No dia-a-dia de uma consultora de carreira passam inúmeros CV pelas mãos, uns mais criativos, outros mais formais, mas dentro de uma determinada área de estudo não se encontram muitas diferenças, tanto ao nível da educação, como do tipo das experiências profissionais. São, portanto, com frequência, as atividades extracurriculares e os hobbies que chamam a atenção. Esta parte do CV é como se fosse um "teaser" sobre a pessoa, sobre o lado mais pessoal do seu perfil. Ao percorrer estas secções, conseguimos perceber se é uma pessoa proactiva; que gosta de experimentar coisas novas; se é uma pessoa com capacidade de gerir bem o tempo, pois envolveu-se em várias atividades em simultâneo; se tem capacidade de liderança, pois liderou equipas num projeto de voluntariado; se tem capacidade de persistência, pois praticou um desporto vários anos consecutivos.
Estes são apenas alguns exemplos de informação valiosa que este tipo de experiências pode revelar e despertar o interesse de quem olha para um currículo. Esta informação é muito importante para que os recrutadores possam, por exemplo, avaliar se o candidato poderá adequar-se à cultura empresarial. É também através desta avaliação de soft skills que os entrevistadores preveem comportamentos e desempenhos futuros no trabalho.
Num processo de aconselhamento de carreira, procura-se dar enfoque a todo o tipo de experiências que possam desenvolver competências importantes e, por este motivo, é importante incentivar os alunos a envolverem-se neste tipo de atividades e desmitificar a ideia de que não é relevante colocar uma certa experiência porque não está relacionada com a área de estudo em que se encontram.
A maior parte das experiências fora da vida académica são muito relevantes. Como resultado deste processo o aluno acaba com um CV com novas "cores" e experiências. Na vida académica, são muitos os clubes, eventos, voluntariados, competições, centro de desenvolvimento de projetos, a que o estudante tem acesso e que, tirando partido, pode experienciar o mundo académico na sua plenitude, desenvolvendo diferentes competências.
A busca pelo desenvolvimento de softs skills tem ainda uma vantagem acrescida, para além de alavancar o CV, pois é uma excelente forma de desenvolver o autoconhecimento, tendo acesso a diferentes experiências, em diferentes áreas e contextos. Como podemos saber se gostamos de algo se não experimentamos? Fica aqui o desafio.

ENTREVISTA INÊS OOM DE SOUSA Administradora executiva do Santander Portugal

“Queremos potenciar uma sociedade mais inclusiva e mais sustentável”

O Santander Universidades tem uma longa tradição de apoio à Educação, através das instituições de ensino superior, mas está a alargar o âmbito da sua atuação, contribuindo para o desenvolvimento da economia do conhecimento, afirma Inês Oom de Sousa. “A conjuntura e as necessidades mudaram”, justifica a administradora executiva do Santander Portugal.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Inês Oom de Sousa, administradora executiva do Santander Portugal desde 2016, detém, entre outros, um pelouro estratégico do banco: a Banca Responsável, que tem uma das principais alavancas na Educação. Nesta entrevista ao JE Universidades, a também Presidente da Universia em Portugal enfatiza as necessidades de formação num mundo que todos os dias assiste ao nascimento de novas profissões e destaca as soluções do Santander Universidades para apoiar a Educação, ensino superior englobado. Revela também que o montante do financiamento previsto para 2021 não deverá ser muito diferente do que foi atribuído no ano passado: cerca de 6 milhões de euros, mas a sua distribuição será mais diversificada e alargada. “A conjuntura e as necessidades mudaram”, salienta.

O mundo de hoje é global e cada vez mais digitalizado, o que obriga a grandes necessidades de formação e requalificação profissional dos países para ajustar a mão de obra à exigência das empresas. Qual é o envolvimento do Santander neste desafio da sociedade?
Como sabe, lideramos o apoio ao Ensino Superior, através do Santander Universidades, um programa pioneiro e único no mundo, em que procuramos apoiar as Universidades e os estudantes, sempre focados na educação, empreendedorismo e empregabilidade. As bolsas de estudo Santander são um dos maiores programas de bolsas financiados pelo sector privado e alargamos cada vez mais este nosso foco. Temos em conta as mudanças que se vão sucedendo no mundo, para que as pessoas possam fazer os chamados reskilling e upskilling, que se qualifiquem ou requalifiquem e adquiram novas competências. O que não diz só respeito aos jovens e aos universitários, mas a todas as pessoas, tenham a idade que tiverem. Temos muitas bolsas que cumprem esta estratégia, ainda há pouco lançámos as candidaturas a 500 Bolsas Santander – British Council Online English Courses para cursos destinados a melhorar o nível de inglês de alunos graduados e pós-graduados, mas também de professores e profissionais jovens e mais experientes, numa perspetiva de empregabilidade.

O Santander é há duas décadas o banco que mais apoios concede ao ensino superior no mundo e também em Portugal. A estratégia mantém-se?
Mantém-se e alarga-se, como lhe disse. Ligar o estudante ao mercado de trabalho sempre foi uma das nossas prioridades e essa ligação é naturalmente adaptável a profissionais, a pessoas que procuram o primeiro emprego, ou um novo emprego, que queiram criar o seu próprio negócio, incluindo neste universo os nossos próprios colaboradores. O mundo digitalizou-se, cada vez mais assim será – e é fundamental que todos estejamos devidamente capacitados para os novos desafios do século 21.

Novidade recente da política do Santander Universidades é o lançamento de bolsas de melhoria de skills. Que relação têm estas bolsas com a necessidade de capacitar pessoas para a chamada economia do conhecimento?
Tem toda a razão, são os tais reskilling e upskilling de que falei. Sabemos que as necessidades dos empregadores mudaram e que se assiste, por um lado, ao crescimento de novas profissões e, por outro, a uma necessidade de atualização e aprendizagem contínua dos profissionais. Temos uma longa tradição de apoio à Educação através das próprias instituições universitárias, mas sentimos a obrigação de alargar o âmbito da nossa atuação, contribuindo para a economia do conhecimento. A conjuntura e as necessidades mudaram – e queremos potenciar uma sociedade mais inclusiva e mais sustentável. A digitalização e automação fazem parte desse mundo novo e não vale a pena fechar os olhos às novas realidades. A integração dos critérios ESG (Environmental, Social and Governance) em toda a nossa atividade é um enorme desafio que assumimos, participando ativamente no combate às alterações climáticas, uma emergência global. Temos também que fazer as coisas mais rápido, para reduzir as emissões de carbono e evitar danos irreparáveis no nosso Planeta para as gerações futuras.

> “AJUDAR OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS A “SUBIR MAIS ANDARES” NA EDUCAÇÃO, NA EMPREGABILIDADE E NO EMPREENDEDORISMO FAZ PARTE DA ESSÊNCIA DO SANTANDER. PROMOVER A IGUALDADE DE OPORTUNIDADES DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS NO ACESSO À EDUCAÇÃO, INDEPENDENTEMENTE DO SEU CONTEXTO SOCIOECONÓMICO, É ACELERAR O CHAMADO “ELEVADOR SOCIAL”

Que bolsas de skills foram criadas? O que visam e a quem se destinam?
Há uma longa lista e não quero ser exaustiva, para não a maçar a si e aos leitores, mas basta pesquisar a plataforma do Santander para encontrar as Bolsas Women Emerging Leaders, que lançámos em abril especificamente para mulheres que tenham entre cinco a 12 anos de carreira e aspirem a tornar-se líderes, independentemente do setor profissional. Ou as Bolsas Santander Tech Digital Reskilling – Ironhack, destinadas a profissionais que pretendam desenvolver competências em tecnologias de programação e desenvolvimento Web para direcionar a sua carreira profissional para o mundo da economia digital, às quais podem candidatar-se igualmente colaboradores do Santander. Refiro também o apoio à 42 Lisboa, uma escola de programação, inovadora e inclusiva, gratuita para todos os alunos, de todas as idades, liderada por Pedro Santa Clara, de que o Santander Portugal é um dos parceiros fundadores. Ou as bolsas para o programa MIT Liderar a Transformação Digital, que tem a duração de cinco semanas e destina-se a todos os que querem liderar processos de transformação digital. E aqui entram estudantes universitários, mas também profissionais qualificados.

A procura correspondeu às expectativas?
As expectativas do Santander são muito altas, mas posso dizer que se cumpriram: só no ano passado tivemos 4.000 beneficiários de bolsas, estágios, programas de empreendedorismo e outros prémios.

Quem são os vossos parceiros na atribuição das bolsas de skills?
Em Portugal temos há já muitos anos cerca de 50 Universidades e Institutos Politécnicos como parceiros de que muito nos orgulhamos – e aqui também estamos a alargar as nossas alianças, atribuindo também bolsas a instituições de ensino superior com as quais não temos convénios diretos. Nas bolsas que atribuímos, contamos com a parceria educativa das mais prestigiadas universidades e institutos do mundo, do MIT à Universidade de Harvard, ou do British Council à London School of Economics, só para lhe dar alguns exemplos internacionais que todos conhecem, sem falar de universida-

Cristina Bernardo

des portuguesas, hoje muito bem colocadas nos mais diversos rankings a nível global.

Qual é o montante de financiamento previsto para 2021 pelo Santander Universidades em Portugal?
Não deverá ser muito diferente do que foi atribuído em 2020, cerca de 6 milhões de euros, será é mais diversificado e alargado, como lhe disse.

No chamado eixo da Educação, o Santander Universidades oferece bolsas para alunos carenciados e bolsas de mobilidade. Nas Bolsas Santander Futuro, o que está previsto este ano?
Sim, são bolsas destinadas a universitários com aproveitamento escolar e com necessidade de apoio financeiro para iniciarem ou prosseguirem os seus estudos no ensino superior. Este ano vamos atribuir mais de 1000 bolsas Santander Futuro e vamos continuar atentos e proativos, porque sabemos que vivemos um momento particularmente difícil para todos e a nossa prioridade é apoiar quem mais precisa. Ajudar os jovens universitários a "subir mais andares" na educação, na empregabilidade e no empreendedorismo, faz parte da essência do Santander. Promover a igualdade de oportunidades dos jovens universitários no acesso à Educação, independentemente do seu contexto socioeconómico, é acelerar o chamado "elevador social".

Também espera um aumento das Bolsas Santander Global? Um jovem que obtenha uma destas bolsas pode estudar onde?
O objetivo das Bolsas Santander Mobilidade Global foi desde a sua criação, em finais de 2019, apoiar e incentivar os estudantes universitários a viveram uma experiência internacional. São dirigidas a alunos com dificuldades financeiras e mérito académico que queiram e já tenham conseguido obter forma de ir estudar no estrangeiro. São bolsas que servem, essencialmente, para complementar outros programas de mobilidade, nomeadamente o Programa Erasmus. Este ano, numa primeira vaga, já entregámos 344 bolsas, distribuídas por 16 universidades e politécnicos para apoiar os estudantes inscritos em programas de estudo no estrangeiro. No pós-pandemia, no novo normal que esperamos todos estar a chegar, contamos poder aumentar esse apoio, dar novos mundos aos nossos estudantes.

Quais são as vossas expectativas para a European Innovation Academy, iniciativa âncora do banco na área do empreendedorismo?
Do EIA esperamos sempre o melhor, porque é um dos maiores programas universitários de empreendedorismo e aceleração digital da Europa, esta é a quinta edição e vai realizar-se este ano totalmente online entre 5 e 23 de julho, depois de 4 anos em Cascais. É muito entusiasmante ver os jovens estudantes de todo o mundo a trocar ideias e projetos em conjunto, com a colaboração de mentores das mais prestigiadas empresas digitais e universidades do mundo. Merece o nosso total apoio e há uma novidade interessante que lhe posso dar: para o ano o EIA irá para o Porto.

O apoio ao voluntariado universitário é uma atividade muito querida do Santander Universidades que tem vindo a ganhar dimensão ano após ano. Como estima o evoluir da iniciativa?
Este ano, como já tinha acontecido desde o início da pandemia, em 2020, o apoio do Santander ao voluntariado universitário teve de se adaptar e de se inovar para estar ao lado de todos os portugueses no combate à Covid-19. No ano passado, decidimos transformar esta distinção no Prémio Santander UNI.COVID-19 como uma das respostas do Banco à situação provocada pela pandemia. Vamos continuar a investir no voluntariado e empreendedorismo social. Em 2021, realizamos a formação em voluntariado e impacto social "U. Porto Santander Inspira-te", juntamente com a Universidade do Porto e foi um enorme sucesso. E lançamos o programa "Nova ImpACT! Challenges" com a Universidade Nova de Lisboa, o qual vai premiar soluções tecnológicas inovadoras com impacto social que estejam alinhadas com os objetivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas. Em relação às próximas atividades neste âmbito, estamos ainda a analisar e breve daremos novidades.

O Santander Portugal apresentou recentemente o Relatório de Banca Responsável. Pode sintetizar os compromissos assumidos?
Temos 11 objetivos de Banca Responsável que refletem o compromisso do Santander de contribuir para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas e de garantir que desenvolve a sua atividade com responsabilidade. Um primeiro tema tem que ver com a emergência climática. Queremos contribuir para o cumprimento cabal dos Acordos de Paris. Aqui temos a ambição de alcançar zero emissões líquidas em 2050, tanto na atividade própria do Grupo que, desde 2020, é neutra em carbono, como nas emissões dos nossos clientes de serviços de financiamento, assessoria ou investimento. Até 2030, deixaremos de financiar, em todo o mundo, as minas de carvão com finalidades energéticas e os produtores de energia elétrica que tenham receitas provenientes do carvão superiores a 10%. Queremos, por isso, apoiar os nossos clientes na transição verde: somos líderes no financiamento de grandes projetos de energias renováveis e continuamos a aumentar a oferta de produtos com critérios ESG. Estamos igualmente focados na redução do nosso impacto ambiental: o Santander mede desde 2005 em Portugal a sua pegada de carbono, quantificando todos os consumos de energia, resíduos e emissões de gases com efeito estufa. Em 2020, conseguimos alcançar a neutralidade em carbono. Continuaremos a atuar de forma a garantir que o nosso impacto seja o mais reduzido possível. O Santander é cada vez mais Verde e tomará um papel de liderança na transição energética de Portugal.
Em segundo lugar queremos intervir em aspetos sociais apoiando as famílias em aspetos críticos que condicionam o seu desenvolvimento. A Educação como vimos é uma prioridade. No entanto, para além das intervenções nas consequências da pandemia, estamos muito presentes em programas de literacia financeira e na empregabilidade de pessoas com deficiência.

Sintetizando...
Em suma, temos uma missão muito clara: ajudar as pessoas e as empresas. Queremos deixar a nossa marca na sociedade, apoiando causas e projetos que façam a diferença, reduzindo desigualdades e contribuindo para o desenvolvimento da sociedade portuguesa. ■

UNIVERSIDADE-EMPRESA

Projetos “Semente” distribuem 100 mil euros

É essa a quantia que está destinada aos vencedores do concurso “Projetos Semente de Investigação Científica Interdisciplinar”, promovido pela Universidade de Coimbra.

Nuno Braga
nbraga@jornaleconomico.pt

A Universidade de Coimbra lançou, em colaboração com o Banco Santander Totta, a segunda edição do concurso “Projetos Semente de Investigação Científica Interdisciplinar”. O objetivo é, acima de tudo, dar resposta a questões científicas complexas e a desafios societais, contribuindo para uma sociedade mais sustentável, bem como orientada para as áreas estratégicas da Universidade de Coimbra (AEUCs) e para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) constantes da Agenda 2030 das Nações Unidas.

Em entrevista ao Jornal Económico, a vice-reitora da Universidade de Coimbra, Cláudia Cavadas revela que esta iniciativa surgiu também da necessidade de promover a investigação científica interdisciplinar, uma vez que “temos o Instituto de Investigação Interdisciplinar que é uma unidade orgânica e procura promovê-la”. Acrescentando ainda que “os desafios científicos têm que ser sempre desenvolvidos por diversas áreas, cruzando áreas, equipas multidisciplinares para dar resposta a essas questões científicas complexas”.

Esclarece a vice-reitora da Universidade de Coimbra, dando assim a entender que há uma tentativa de juntar pessoas de áreas diferentes porque só assim essas questões terão resposta. “E a vantagem da Universidade de Coimbra nesse aspeto é o facto de ser uma universidade multidisciplinar”, garante ainda Cláudia Cavadas.

Por outro lado, sublinha, “estes projetos também pretendem apoiar novas linhas de investigação, destinados a recém-doutorados que têm que ter na equipa investigadores ou investigadoras de áreas científicas diferentes, ou seja, de centros de investigação diferentes”. Por exemplo, “da área da engenharia que cruza com a da saúde”, sendo apenas um entre muitos.

Com isto, Cláudia Cavadas pretende deixar bem claro que “as equipas não podem ser de uma área científica apenas. Têm que cruzar áreas científicas e isso é critério de elegibilidade.” Se isso não acontecer, um determinado projeto nem será alvo de avaliação. As equipas têm também que ser diversas, contendo elementos de ambos os sexos. “A ideia é que não sejam compostas apenas por homens ou apenas por mulheres, e se tiverem investigadores internacionais melhor ainda”. No fundo, o que se espera é que as equipas tenham grande diversidade. Para além disso, o investigador recém-doutorado não pode ter na equipa do projeto um elemento da equipa de orientação. Isto para dar liderança aos recém-doutorados, pois “uma das condições, para algum do financiamento europeu, é que os investigadores demonstrem também que têm independência científica”. Por outras palavras, não podem estar sempre dependentes do orientador ou do supervisor que os orientou. Portanto, “até os critérios de elegibilidade tornam isto difícil e desafiante”. Procura-se, com tudo isto, promover a procura da parte do investigador. “Ele tem que sair para encontrar outro colega duma área diferente e que complemente a sua ideia.

“É apenas um orçamento semente mas que permite concorrer a projetos de investigação internacionais”

Acaba também por ser muito interessante porque se têm criado novas equipas à procura deste financiamento”, conclui a vice-reitora da Universidade de Coimbra. Formadas as equipas e apresentadas as candidaturas, os projeto são posteriormente submetidos. “Trata-se dum projeto curto, pequeno e o objetivo é que seja um projeto que venha criar uma nova linha de investigação, que seja uma ideia um pouco disruptiva mas mantendo a sua robustez, a sua consistência”.

Cláudia Cavadas esclarece que todos acabam por ser bastante apoiados, sobretudo os vencedores, para que seja de facto um projeto semente. “Não é muito, é apenas um orçamento semente mas que permite concorrer a projetos de investigação internacionais”, acrescenta. Portanto, e ainda segundo a vice-reitora, “serão ajudados a comunicar o projeto de forma a irem buscar mais financiamento ainda”.

O valor total é de 100 mil euros que será depois dividido pelos vencedores. Cada projeto, desses cinco que sairão vencedores, terá direito a 20 mil euros. Pode, no entanto, haver casos de áreas nas quais se conclua que não há qualidade ou “semente” para atribuir o prémio. “Esperemos que não mas há essa possibilidade porque é difícil cruzar áreas e, para além disso, muitas vezes os investigadores e investigadoras estão pouco habituados”, confessa Cláudia Cavadas. São selecionados os cinco melhores de cada área, podem até ser menos, mas no máximo cinco. E são aqueles que tiram uma nota de oito a 10 (a nota máxima). Posteriormente há uma fase de apresentação e entrevista. E nessa fase, “os concorrentes têm que mostrar o trabalho até mesmo para esclarecer algumas dúvidas que o próprio projeto escrito não dissipa”, refere a vice-reitora da Universidade de Coimbra. Diz ainda que as entrevistas estão nesta altura a decorrer e “tem sido muito interessante porque assim percebemos melhor alguns detalhes”.

Para Cláudia Cavadas há uma outra vantagem, que é o facto do júri ser muito alargado, embora confesse que criar um júri para todas estas áreas se revele um desafio muito grande. “É composto por pessoas da Universidade, por investigadores séniores, de todas estas áreas dos projetos semente, sendo para cima de 10 dentro de cada painel”, esclarece. Outro aspeto interessante, segundo a vice-reitora da Universidade de Coimbra, é o momento de partilha que se gera durante as entrevistas e que “acaba por criar uma rede entre os próprios elementos do júri”.

Quanto ao desfecho do concurso, refere que “ainda não está decidido mas contamos ter os nomes dos vencedores daqui por 15 dias, no máximo”. Nessa altura, terá lugar uma sessão pública na qual os vencedores vão apresentar oralmente os seus projetos. ■

ENTREVISTA A CLÁUDIA CAVADAS Vice-reitora da Universidade de Coimbra

“Pretendemos manter o nível de exigência”

O concurso “Projetos Semente de Investigação Científica Interdisciplinar” tem regras bem definidas e abrange cinco áreas distintas. A vice-reitora da Universidade de Coimbra, Cláudia Cavadas, explica ao Jornal Económico como tudo se processa.

Que áreas estratégicas estão abrangidas?
São áreas tão abrangentes que quase se consegue ter lá dentro vários centros de investigação. Um delas é a área da Saúde. E aqui não estamos a falar apenas de medicina. Outra área é a do Clima, Energia e Mobilidade, versando sobretudo as alterações climáticas, a sustentabilidade, o fornecimento de energia, etc. Outra área abrangida é a dos Recursos Naturais, Agroalimentar e Ambiente. A quarta área é a Digital, Indústria e Espaço que abrange as tecnologias emergentes e digitais, materiais, inteligência artificial, robótica. E por fim, a área do Património, Cultura e Sociedade Inclusiva. Portanto, são projetos relacionados com estas cinco áreas que se cruzam entre si.

Qual o balanço da primeira edição?
Neste momento, os projetos da primeira edição ainda estão em fase de implementação. Teremos resultados definitivos mais tarde, porque para já ainda estamos numa fase bastante precoce, embora alguns já mostrem resultados bastante interessantes. O facto de darmos visibilidades aos projetos, um grande apoio também na parte da comunicação acaba por ter impacto. Por exemplo, alguns projetos já foram contactados por empresas e isso também é importante. Por outro lado, também os projetos que não foram vencedores, foram todos apoiados para procurar financiamento alternativo.

Quais as diferenças da edição anterior para a deste ano?
Desde logo, o número de candidatura recebidas que no ano passado foram 47 e este ano 40. Mas, sobretudo no que diz respeito ao critério da interdisciplinaridade. A esse nível, esta segunda edição está a ser mais exigente e desafiante porque exigimos que as equipas dossem compostas por elementos de áreas distintas. Talvez por essa razão o número de candidaturas tenha sido menor este ano. Mas a verdade é que pretendemos manter esse nível de exigência nas próximas edições. ■

FIGURA EM DESTAQUE

MECENATO

“Estudar na 42 Lisboa mudou a minha vida”

Aos 24 anos, José Pedro Santos deparou-se com uma realidade diferente e distante daquela que imaginara quando cheio de sonhos ingressou na universidade. Ao terminar a licenciatura em Direção e Gestão Hoteleira foi surpreendido pela Covid-19 e em plena pandemia viu-se desempregado e com poucas perspetivas de emprego, não fosse o sector do turismo um dos mais prejudicados com os confinamentos provocados pela crise sanitária.

O sufoco não durou muito, porém. No verão de 2020, em conversa, colegas e familiares, sabendo da sua situação e conscientes da sua curiosidade por tecnologia e programação, sugeriram-lhe que se informasse sobre a abertura, para breve, de uma nova escola de que tinham ouvido falar: a 42 Lisboa. A instituição dedicada ao ensino de programação, 100% gratuita e totalmente financiada por mecenas como o Santander, pareceu-lhe uma oportunidade tão boa que chegou a pensar se seria real. Após alguma pesquisa, percebeu que era mesmo e decidiu candidatar-se.

Já durante o curso, constatou que o modelo de aprendizagem, além de ser totalmente diferente do convencional (sem professores, sem aulas e totalmente prático) se ajustava perfeitamente ao que pretendia. Para além do modelo de ensino, a flexibilidade de horários oferecida, uma vez que a escola funciona 24 horas por dia, também o surpreendeu e cativou.

“Comecei o curso em fevereiro e ainda me parece surreal tudo o que já aprendi até agora. Todos os dias sou confrontado com novos desafios que me obrigam a ser criativo, a procurar soluções e a aprender mais, numa escola em que me é dada a liberdade e a responsabilidade para escolher o meu percurso de aprendizagem, ao meu ritmo”, conta ao JE Universidades o jovem, que assume: “a oportunidade de estudar na 42 Lisboa mudou a minha vida”.

José Pedro Santos salienta, entre outras características do curso, a diversidade dos participantes no que diz respeito à experiência profissional e destaca que tem “150 colegas a quem também foi dada esta oportunidade, independentemente do seu percurso académico ou conhecimento prévio de programação”. O trabalho de equipa foi outra das valências que o seduziram. “Para além de tudo o que estou a aprender, tenho o privilégio de trabalhar e aprender com pessoas com perfis muito diferentes do meu”.

Contas feitas, em quatro meses viu o seu futuro profissional tomar um rumo totalmente diferente do planeado e, até ver, para melhor. “Uma coisa é certa: na 42, trabalhar em comunidade é essencial. E isso, tal como o curso, não tem preço”. JTC

COMPETÊNCIAS

500 bolsas para cursos de inglês no British Council

Quer melhorar o inglês para arranjar um emprego melhor, aprofundar o nível da investigação ou simplesmente ter mais armas para enfrentar o futuro? Pois bem, qualquer que seja a resposta, o Santander Portugal dá-lhe uma ajuda. Através do Santander Universidades e em parceria com o British Council acaba de abrir as candidaturas a 500 bolsas para cursos de inglês “self access”, destinados a melhorar o nível do idioma de alunos graduados e pós-graduados, mas também de professores, profissionais jovens e experientes.

As Bolsas Santander – British Council Online English Courses destinam-se a promover e a facilitar a frequência do curso “LearnEnglish Select”, que será ministrado online. Com uma duração estimada de 25 horas, frequentadas num intervalo máximo de três meses, o curso irá decorrer de 8 de outubro de 2021 a 8 de janeiro de 2021, sendo oferecido a residentes em Portugal com 18 ou mais anos, independentemente do seu nível de inglês.

As candidaturas já estão abertas e decorrem até 3 de setembro próximo. Para agarrar a oportunidade, o candidato precisa somente registrar-se como utilizador na plataforma das Bolsas Santander e concorrer. O processo fica terminado após a inscrição que consiste num questionário que avalia a motivação para o estudo e a aptidão para adquirir novos conhecimentos, aceitando as condições de aprendizagem.

Num mundo global e digitalizado, a formação complementar, aplicada à aquisição de competências diretamente ligadas ao desenvolvimento profissional, ganha importância a cada dia que passa. É por essa razão um dos temas que o Santander tem vindo a explorar em associação com as melhores escolas mundiais em diferentes áreas científicas. Nesse âmbito se inscreve a criação das Bolsas Santander – British Council Online English Courses, cujo programa se enquadra num dos eixos estratégicos de Santander Universidades, que visa a melhoria da empregabilidade dos bolseiros através do desenvolvimento de novas competências na língua inglesa.

O curso desenvolve-se em seis níveis, de Beginner (A0) a Advanced (C1), possibilitando aos alunos aprender a comunicar eficazmente em situações profissionais, como reuniões, talks e apresentações, mas também preparar uma candidatura e uma entrevista para concorrer a um emprego, desenvolve a gramática e o vocabulário de inglês corrente no mundo do trabalho.

No final, quem completar o curso com êxito terá direito a um certificado do British Council, que indica o número de horas formação e o nível de conhecimentos obtidos. ■ *AR*

CONVÉNIO

Santander reforça parceria de 50 anos com a Marinha

O aperto de mão entre o Almirante António Maria Mendes Calado, Chefe do Estado-Maior da Armada, e Pedro Castro e Almeida, Presidente da Comissão Executiva do Santander Portugal, sela a assinatura de novo convénio entre o banco e a Marinha, que vem reforçar a parceria de mais de 50 anos existente entre as duas instituições.

O novo convénio “estreita e incentiva no futuro a relação institucional no âmbito das atividades educacionais e de promoção da cultura portuguesa além-mar”.

Neste âmbito, o Santander Portugal apoiará, nos próximos três anos, as atividades educacionais promovidas pela Marinha, entre as quais, as que forem desenvolvidas pelo NRP Sagres.

A ligação entre o que é hoje o Santander Portugal e a Marinha iniciou-se em junho de 1967, tendo como protagonista o então Banco Lisboa & Açores, que disponibilizou uma solução considerada “competitiva e inovadora”, que permitiu à Marinha passar a dispor de “um serviço de centralização da liquidação dos vencimentos de todo o seu pessoal”.

Este ano celebram-se, assim, mais de cinco décadas de ligação e parceria. Esta terça-feira, aquando da assinatura do novo convénio, as duas partes reiteraram formalmente o compromisso de, nos respetivos campos de atividades, “continuarem a ser parceiros preferenciais, numa relação que alia a tradição e alianças duradouras com soluções inovadoras e pioneiras no mercado”.

O acompanhamento do novo convénio será feito por uma comissão bi-partida composta por elementos a nomear pelo Santander e pela Marinha. Essa comissão também avaliará novas oportunidades susceptíveis de ser exploradas no futuro, bem como o estabelecimento de áreas de colaboração a serem incentivadas no âmbito da parceria. ■ *AR*

sdfsdfdsfsdfsdfsdf

EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO

European Innovation Academy volta, mas online. Em 2022, será no Porto

Ricardo Santos Ferreira
rsferreira@jornaleconomico.pt

O programa da European Innovation Academy (EIA), descrito como o maior programa de verão dedicado ao empreendedorismo e focado nas inovações digitais, regressa este ano em Portugal para a sua quarta edição, depois do interregno em 2020, por culpa da pandemia de Covid-19, mas será concretizado de forma remota.

"2021 é um ano único para a EIA", afirmou Anni Sinijärv, co-fundadora e presidente-executiva da EIA, em declarações ao Jornal Económico (JE). "Faremos o nosso programa de forma virtual, mas continuamos a levar Portugal e o ambiente português aos nossos alunos. Definitivamente, o ambiente virtual não é tão atrativo como as praias soalheiras de Cascais, mas faremos o nosso melhor para que os alunos adquiram a mentalidade empreendedora que procuram", acrescentou.

O programa tem início na próxima segunda-feira, 5 de julho, e prolonga-se até 23 de julho. Nele participa um total de 350 alunos, de todo o mundo, incluindo mais de 140 alunos de Portugal, estando representadas 60 diferentes nacionalidades.

Na última edição, concretizada presencialmente, em 2019, participaram 600 alunos, mas este regresso do programa, numa versão online, obrigou a adaptações. "A EIA teve de mudar [o seu programa] de um conceito tradicional de estudo no estrangeiro para um programa digital", explicou Anni Sinijärv, ao JE. "Isso exigiu um intenso desenvolvimento, para garantir que o resultado académico, o compromisso e as metas do programa ainda fossem alcançados com uma configuração diferente", acrescentou.

O Banco Santander afirma-se como o grande impulsionador da iniciativa, tendo aberto candidaturas para a atribuição de 168 bolsas, para jovens das 21 universidades que mantêm convénios com a instituição financeira, mas incluindo 20 bolsas abertas a toda a comunidade académica portuguesa.

O programa contará, também, com a participação de 50 mentores, profissionais experientes de diferentes áreas de negócios, marketing, desenvolvimento de software e design.

A organização da EIA indica que o programa é um curso acelerado sobre como transformar uma ideia numa start-up, em apenas 15 dias. "O objetivo deste curso é dar aos alunos uma experiência prática e da vida real, criando uma startup com alunos de todo o mundo. O curso desafia os participantes a inovar, superar obstáculos e crescer rapidamente", tendo como objetivo final a criação de um negócio avaliado em 100 milhões de euros ou mais.

Equipas multiculturais e Netflix

O curso é ministrado num contexto real, onde os alunos formam equipas de cinco elementos e adquirem as capacidades e o conhecimento para desenvolverem a sua ideia de negócio desde a fase concetual até ao mercado. "São orientados na construção de um modelo de negócio escalável por meio de experiências e testes de vida real, num mercado ao vivo, com feedback genuíno do cliente, com quem constroem uma relação", explica a organização. "O desafio decorre num ambiente de aprendizagem que corresponde aos requisitos atuais e futuros do local de trabalho, incluindo equipas multifuncionais e virtuais, com tarefas de trabalho crowdsourced, uma força de trabalho multicultural e habilidades extremamente exigentes de organização, planeamento e comunicação", acrescenta.

Objetivo da EIA é educar um milhão de pessoas até 2025, afirma a CEO da organização

Para esta edição digital, a estrutura do curso foi mudada. "Não haverá keynotes [através da plataforma] de zoom. Os alunos aprenderão vendo o Netflix: criámos uma série com episódios de 20 minutos, sobre jovens empreendedores que trabalham nas suas startups, para educar os alunos por meio de um conteúdo envolvente", explica a EIA.

Depois desta edição online, obrigada pelas circunstâncias, a expectativa dos promotores do programa da EIA é que este volte a ser presencial, já em 2022, mas com lugar marcado na cidade do Porto.

"A EIA vai regressar com os seus programas presenciais em 2022", disse Sinijärv, sublinhando que o programa "vai ficar em Portugal, para garantir que cada vez mais jovens empresários visitam país como um destino de educação para o empreendedorismo".

A CEO da European Innovation Academy diz que o objetivo da organização é "educar um milhão de pessoas até 2025". Além disso, vão aproveitar a aprendizagem e o trabalho desenvolvido para a edição digital. "Também continuaremos a trabalhar nos nossos programas digitais, pois acreditamos que um formato digital é perfeito para alunos que não podem ou não querem viajar para os nossos destinos", diz Anni Sinijärv. ■

BREVES

NOVA IMS inicia nova licenciatura de Ciências de Dados

A NOVA Information Management School (NOVA IMS) vai iniciar, em setembro, uma nova licenciatura em Ciência de Dados, já acreditada pela A3ES, para responder à procura deste tipo de competências, anunciou a faculdade da Universidade Nova de Lisboa.
"O objetivo principal é treinar futuros profissionais capazes de entender, desenvolver e utilizar modelos, algoritmos e as técnicas mais avançadas para analisar e extrair conhecimento do 'Big Data'", explica Roberto Henriques, subdiretor e presidente do Conselho Pedagógico da NOVA IMS.
Para Pedro Saraiva, diretor da NOVA IMS, a formação nesta área é "essencial para uma grande diversidade de aplicações industriais e para o favorecimento da transição digital das empresas".
Neste curso, os alunos serão expostos a tópicos inovadores em várias disciplinas, como aprendizagem automática, aprendizagem profunda e inteligência artificial.

IPCA quer combater abandono escolar com inteligência artificial

O Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA), em Barcelos, está a desenvolver um projeto inovador que recorre à inteligência artificial para ajudar a reduzir o abandono escolar e aumentar o sucesso académico.
O Observatório Permanente do Abandono e Sucesso Escolar (OPAS) é desenvolvido por uma equipa multidisciplinar, liderada pelo Laboratório de Inteligência Artificial Aplicada do IPCA, e que inclui, também, investigadores nas áreas da ciência dos dados e da inteligência empresarial.
Segundo a vice-presidente do IPCA, Patrícia Gomes, "a grande inovação do OPAS é a capacidade que terá de fornecer informação preditiva sobre a probabilidade de um determinado estudante abandonar os estudos, permitindo à instituição tomar medidas preventivas que invertam a situação".

Universidade de Aveiro estreia licenciatura em Engenharia Aeroespacial

A Universidade de Aveiro vai iniciar, no próximo ano letivo, a licenciatura em Engenharia Aeroespacial, combinando "ciências de base e de espectro largo ao nível das ciências da especialidade para formar engenheiros a nível superior, capazes de desempenhar funções de planeamento e projeto não só nas áreas da aeronáutica como também em outras áreas das engenharias", refere a instituição.
O curso possui quatro minors – em Satélites de Telecomunicações, em Sensores e Dispositivos, em Projeto em Estruturas Aeroespaciais e em Design e Manufatura –, que, "em conjunto com as unidades curriculares de Competências Transferíveis, vão permitir uma flexibilização de percursos formativos ajustados aos interesses de cada estudante", refere a universidade.